

M 317
Claudia 23
"A transação"

O Recado da Espiã

Rubem Braga

CONTEI ontem como fui advertido por um major inglês da contra-espionagem aliada de que a loura que me acompanhava não merecia fé.

No dia seguinte o major me esclareceu; a minha amiga era tcheca de raça alemã, filha de um industrial ligado aos nazistas. Prometi ao major transmitir-lhe qualquer pergunta ou pedido suspeito que ela me fizesse; mas eu devia voltar logo para a linha de frente e a minha encantadora mata-harizinha não havia meio de me tentar extorquir o segredo da futura bomba atômica nem o esquema da próxima ofensiva aliada.

No dia seguinte almoçamos num restaurante e tomamos três garrafas de tinto; depois, num bar, fiquei a alisar ternamente a sua mão fina, de veias azuis. Mão de espiã — pensava eu, e senti uma ternura especial, uma fraqueza dentro de mim. Aquêlê dia mesmo eu ia voltar para a frente, para aquêlê mundo desagradável de homens, lama e explosões; senti que ia ter saudades dela, e lhe disse isso.

Mão de espiã... Mas além, ou antes de ser uma

espiã, ela era também mulher; não tinha nascido espiã; teria tido algum prazer verdadeiro em minha companhia? Foi então que ela me pediu um favor: que, através de minha correspondência, eu mandasse um recado para um seu tio, que morava em São Paulo, dizendo que ela estava em Roma e pedindo que lhe enviasse, em meu nome, através de meu jornal e do Banco do Brasil, uma determinada importância em dinheiro. Escreveu o nome do tio em um papelzinho e me entregou.

Beijamo-nos na Piazza di Spagna; subi a escadaria lentamente. Se eu entregasse aquêlê papelzinho ao major inglês, um homem seria prêso em São Paulo; pensei em nossa polícia, nos seus «hábeas interrogatórios»; e se o homem fôsse inocente?

Na portaria do hotel liguei para o P.R.O. pedindo um jipe que me levasse ao aeroporto; depois, num impulso, pedi à telefonista que me desse o apartamento do major inglês. Não atendia; mas o porteiro me informou que êle estava no hotel, provavelmente no salão de chá que ficava no terceiro andar. Tomei o elevador para ir lá, mas então resolvi ir até o meu apartamento arrumar a mala.

Tirei o papelzinho do bôlso e fiquei um instante na janela a olhar a paisagem de Roma lá embaixo. O vento ainda será frio, naquele começo de primavera. Fiz uma bolinha com o papelucho e o joguei fora; acompanhei-o com os olhos até que o vi cair num tóldo, e depois na rua. E acabou-se a história.

DN 21.9.67

362